



## **“POR ONDE ANDEI”: TRAJETOS PESSOAIS NAS TRILHAS PROTESTANTES E A FORMULAÇÃO DO PRINCÍPIO PLURALISTA<sup>1</sup>**

***"Where I Have Been": Personal journeys along Protestant paths and the formulation of the pluralist principle***

**Claudio de Oliveira Ribeiro<sup>2</sup>**

### **Resumo:**

O texto apresenta, em estilo narrativo e autobiográfico, as principais bases conceituais presentes na formulação do *princípio pluralista*, incluindo aspectos da trajetória familiar e religiosa do autor, as principais leituras e pesquisas realizadas, tanto no período de formação quanto no desenvolvimento do trabalho acadêmico, descrição de experiências e de perspectivas éticas e utópicas presentes na trajetória de vida e um elenco dos desafios oriundos da relação entre teoria e prática enfrentados. O conteúdo realça o valor da prática e da reflexão ecumênicas, em suas dimensões intra-cristã e inter-religiosa, apresentando as principais características da teologia latino-americana, considerando a produção teológica no contexto do protestantismo e do catolicismo no Brasil, e a relação entre pluralismo religioso, democracia e direitos humanos.

**Palavras-chave:** *Princípio pluralista*. Teologia ecumênica. Protestantismo. Diálogo inter-religioso. Teologia latino-americana.

### **Abstract:**

The text presents, in a narrative and autobiographical style, the main conceptual foundations involved in the formulation of the pluralist principle, including aspects of the author's family and religious background, the main readings and research conducted both during the formative period and throughout the development of academic work, a description of experiences and ethical and utopian perspectives present in the life journey, and a list of challenges arising from the relationship between theory and practice faced by the author. The content highlights the value of ecumenical practice and reflection, in its intra-Christian and inter-religious dimensions, presenting the main characteristics of Latin American theology, considering theological production within the context of Protestantism and Catholicism in Brazil, and the relationship between religious pluralism, democracy, and human rights.

**Keywords:** *Pluralist principle*. Ecumenical theology. Protestantism. Inter-religious dialogue. Latin American theology.

\*\*\*

<sup>1</sup> Enviado em: 12.08.2025. Aceito em: 11.09.2025.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Para início de conversa...

*Ah! Se o mundo inteiro  
me pudesse ouvir  
Tenho muito prá contar  
Dizer do que aprendi.*  
(Azul da Cor do Mar, de Tim Maia)

*O Reino de Deus é semelhante  
a um tesouro oculto no campo,  
o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu.  
E transbordante de alegria, vai, vende tudo  
o que tem e compra aquele campo.*  
(Evangelho de Mateus 13.44)

Com este texto procuro oferecer uma visão panorâmica de aspectos que considero relevantes da minha formação e do trabalho acadêmico e que contribuíram para a formulação daquilo que eu tenho denominado *princípio pluralista*. Optei por reunir descrições com acento autobiográfico. Se por um lado, tal perspectiva limita as fontes, não revela a importância de tantos trajetos, autores e visões conceituais que também se destacaram nos temas acerca do pluralismo, por outro, ela lança bases mais precisas, vividas e assimiladas dentro de experiências contextualizadas. São trajetos que eu concretamente trilhei. Portanto, podem e devem ser relativizados em sua importância, mas não deveriam ser desprezados uma vez que tenho tido a oportunidade de lidar com dimensões reconhecidas por variados setores como sendo relevantes tanto para a sociedade quanto para os debates acadêmicos na área da Teologia e das Ciências da Religião.

Com o caminho escolhido de articular a visão acadêmica com a descrição de trajetos pessoais eu antecipo, com as reflexões a seguir, uma abordagem que, em geral, tem sido mais comum aos docentes que estão na faixa de setenta ou oitenta anos de idade. Embora ainda longe dessa marca, procurei nos últimos tempos, por diferentes motivos, identificar fontes que marcaram de forma mais decisiva o meu pensamento e que jogaram um papel relevante no percurso que tenho feito até aqui. Entre tais motivos, está certa ansiedade que me foi imputada desde os meus tempos de criança, especialmente pela minha mãe, que nos exigia que tudo fosse realizado na hora. Assim tenho tentado viver até hoje. Também há, entre os motivos, alguma inclinação política nos antigos moldes - não necessariamente sábios - do “quem sabe faz a hora não espera acontecer”. Um processo de cirurgia cardíaca de alguma gravidade, ocorrido anos atrás, também me levou a um balanço das experiências ao longo da vida. É provável que haja outros motivos subjetivos e inconscientes, no entanto, considero que os dois primeiros sejam os determinantes.

É importante frisar que não se trata de um texto para sintetizar o meu pensamento. Até mesmo porque tal tarefa seria mais apropriada para pessoas de renome. Aqui procuro

apenas dar uma modesta contribuição ao oferecer uma visão geral das leituras que marcaram a minha trajetória de vida, desde os tempos de estudante de Teologia até o atual período de trabalho docente na área da Ciência da Religião.<sup>3</sup> Aproveitei a iniciativa e procurei resumir os aspectos principais do meu trabalho. Tal busca teórica, mas ao mesmo tempo espiritual, revela as principais mudanças em minhas perspectivas e formas de agir, o que inclui rupturas como também a reafirmação de princípios, de valores e de perspectivas para a vida.

## **Teologia e experiência: bases éticas e utópicas**

Como referido inicialmente, antecipo um tipo de descrição de percurso, mais comum para pessoas de idade mais avançada, mas que por motivações diversas tenho procurado traçar desde já. Apresento, ainda que de forma não tanto sistematizada, fontes conceituais e vivências que tiveram um papel relevante no trajeto que tenho feito desde os tempos de juventude até os dias de hoje. Não se trata apenas de um empreendimento teórico, mas o considero também uma busca espiritual que espero me levar para caminhos mais aprofundados dos estudos de religião na atualidade.

Alguns aspectos me são muito caros e os tenho revisitado constantemente. Em função dos limites dessa reflexão, desejo anunciar inicialmente apenas três deles, todos igualmente importantes para mim e que têm sido compartilhados com diferentes grupos ao longo de algumas décadas. São eles: a experiência religiosa na infância e na adolescência, as principais fontes na formação teológica que tive na primeira metade da década de 1980, e os desafios oriundos da relação entre teoria e prática que surgiram para mim ao longo da vida.

A pertença religiosa é uma das marcas da minha trajetória de vida. Desde o meu tempo de criança integro a Igreja Metodista. A minha querida avó, Maria do Carmo de Oliveira, transmitiu essa herança para nós e temos desfrutado bastante dela até os dias de hoje. Ela com simplicidade e ardor missionário, aliás duas marcas do metodismo, cooperou com os primeiros trabalhos metodistas em cidades paulistas do Vale do Paraíba. Foi com muita emoção que certa vez visitei a cidade de Piquete, SP, e vi o nome dela no livro de rol da igreja, entre os primeiros que fundaram aquela comunidade. A mudança para Volta Redonda, no sul do Estado do Rio de Janeiro, onde nasci, a levou a integrar a Igreja Metodista desta cidade. Todos os domingos ela nos levava à Escola Dominical, que é como chamamos o trabalho educativo e de catequese realizado nas igrejas protestantes, e aos cultos. Ali cresci e aprendi muitas coisas. O que mais me admirava era a vida em comunidade.

Gostaria de destacar também a pessoa do meu pai, sr. Manoel Ribeiro, trabalhador metalúrgico. Ele, que era culturalmente católico, sem vínculos com a igreja evangélica de minha avó e de minha mãe, era uma pessoa muito imaginativa. Era um contador de histórias, sempre encantadoras, diante das quais todos nós ficávamos com certa dúvida se eram totalmente reais. Com muita frequência algum detalhe no relato dele nos levava a perguntar: “Será que tal situação de fato tinha acontecido da forma como ele descrevia?” Penso que os empolgantes *causos* dele continham certas doses de

---

<sup>3</sup> Para melhor fluência da leitura, eu subverti o rigor das regras acadêmicas para fazer a indicação dos livros e citações. Como uma das expectativas principais com este texto é listar ou em alguns casos comentar obras que revelem a minha formação e trajetória, com o objetivo de oferecer reflexões sobre o meu trabalho acadêmico, eu apenas me refiro aos nomes dos autores e aos títulos dos livros, deixando ao final as referências completas.

imaginação. E isso eu guardei do meu pai. A minha visão teológica é, em certa medida, fruto da herança criativa que ele nos deixou. De minha mãe, dona Cleusa, doméstica, herdei, por outro lado, a racionalidade, a tendência sistemática e crítica que ela sempre implementou na vida da nossa família. Embora profundamente humana, ela tinha certas dificuldades de acreditar em todas as coisas e pessoas, buscava explicações e razões mais sólidas para os fatos, nos constrangia com o seu olhar crítico. Tal aspecto acabou constituindo um lado de minha personalidade: o sistemático. Do meu pai, ao contrário, fiquei com o aspecto imaginativo de suas histórias. É o meu lado teológico, criativo, delirante. A teologia, como sabemos, se funda nesta perspectiva intuitiva, não obstante a necessidade de um balizamento conceitual, teórico e sistemático. Sempre vivi procurando articular essas duas dimensões e me equilibrar nessa “corda bamba”, em geral um grande risco para as tarefas acadêmicas e políticas.

Ainda no meu tempo de criança, eu vi em minha comunidade metodista local a presença de um bispo católico, D. Valdir Calheiros. Aquela visita despertou a minha atenção, pois não era um fato comum, sobretudo naquela época... evangélicos e católicos juntos. Depois, soube que ele estava ali em conversa com o pastor e membros da comunidade para encontrar caminhos de apoio a uma família de nossa igreja que havia perdido o filho, vítima da repressão militar daquela época. Foi a semente para que eu mais tarde pudesse entender que ecumenismo não é um conceito, uma ideia abstrata, uma discussão teórica. O ecumenismo tem como base a justiça e o amor concreto dirigido às pessoas.

Cresci naquela cidade respirando o ar de renovação da Igreja Católica, desde o final dos anos de 1960. Como adolescente metodista e depois jovem, fui descobrindo também os aspectos positivos de minha igreja, assim como os limites dela, e percebi, muito concretamente, que a unidade cristã não é uma opção. Ela é base do Evangelho!

Eu havia tido uma formação metodista muito significativa na infância e na adolescência. A seriedade no estudo da Bíblia, a participação expressiva de leigos e de leigas na direção da igreja e dos cultos, a atenção em olhar a fé sempre articulada com a vida, foram marcas que a minha adolescência ganhou nessa vivência. O trabalho local me levou a participar dos congressos, organizados pela Federação Metodista de Juvenis, que articulava os grupos de adolescentes metodistas do Estado do Rio de Janeiro. Sou devedor a esse trabalho, especialmente no período que participei (1978-1981) e que me proporcionou experiências religiosas consistentes, visão política bastante aguçada e muitas amizades, a maioria delas vivenciadas até hoje, quarenta e cinco anos depois. Sou muitíssimo grato pela vida e pelo testemunho das pessoas que acompanhavam o trabalho, como o pastor Melchias Silva, o bispo Paulo Ayres e Daniel Evangelista de Souza, especialmente o meu período de despertamento para a liderança dos juvenis, como presidente da Federação (1980) e depois para o pastorado.<sup>4</sup>

Nesse contexto, aprofundei muitos aspectos da fé metodista: a preocupação com o sofrimento das pessoas pobres, a possibilidade de aprendermos com elas os pontos centrais do Evangelho, a visão crítica sobre a realidade que nos cerca, a humildade de ver que a igreja também tem limitações e contradições, o amor de Deus estendido a todas

---

<sup>4</sup> Com apenas 16 anos, ingressei no curso de Engenharia, na minha cidade. A efervescência da experiência religiosa me levou a fazer o curso de Teologia, no Rio de Janeiro. Por dois anos, cursei os dois simultaneamente, mas o interesse pelo primeiro, a Engenharia, se tornou quase nulo. Eu “arrastei” ainda por mais dois anos. No entanto, em 1982, depois de quatro anos de estudos, não completei o curso de Engenharia, o que causou muito desgosto em meus pais. Os meus vinte anos foram assim... o coração e a mente “a mil km por hora”.

as pessoas, indo muito além dos muros da igreja, a importância de todos terem espaço e voz na igreja, a contribuição expressiva das instituições de ensino para a sociedade, a abertura para as mulheres serem pastoras e tantos outros aspectos. O *princípio pluralista* vem de longe...

### **A teologia nos anos de 1980**

Embora uma parcela das fontes que marcaram a minha trajetória acadêmica estivesse presente desde a minha infância e adolescência, especialmente a visão ecumênica e a sensibilidade com o sofrimento humano, considero ser adequado para a tarefa que eu me proponho desenvolver aqui, situar os elementos de caráter mais acadêmico. Estou ciente e pressupondo que tais elementos estão intimamente ligados a fatores experienciais, pois, parafraseando o Evangelho, “nem só de livros, vive o homem”. Algumas obras demarcaram caminhos sublimes para mim, somados ao espírito dialogal de professores em meu tempo de formação teológica (1981-1985) no Seminário Metodista Cesar Dacorso Filho, ligado ao Instituto Metodista Bennett, na cidade do Rio de Janeiro.

Minha intenção, neste momento, como já referido, é lembrar os livros mais significativos para mim naquela época. Como se sabe, os anos de 1980 foram encantadores tendo em vista os processos de renovação teológica e pastoral para as igrejas e também tempo de efervescência política e de novos ares para diversos movimentos sociais que lutavam pela democracia e pela justiça social. Abertos pela revolução sandinista na Nicarágua (julho de 1979), acolhidos pelo fortalecimento de movimentos sociais, associativos e sindicais, esses anos, que coincidem com os da minha juventude, foram memoráveis, especialmente para quem acreditava que as igrejas e a sociedade passariam por transformações profundas que as tornassem mais justas, participativas e marcadas pela paz e pela solidariedade humana. No meio desse “turbilhão”, um jovem de 18 anos via os seus horizontes sendo ampliados.

No início dos anos de 1980 o clima no País era de expectativas positivas com o processo de redemocratização, de participação popular e de possibilidades de transformação social. Era a fase final da ditadura militar, lideranças políticas exiladas retornavam ao País, os movimentos sindicais, associativos e comunitários em geral ganhavam os seus espaços, além de serem retomados também projetos de educação popular, com intensa valorização das expressões da cultura popular brasileira. Em 1982 ocorreram as eleições gerais parlamentares e para os governos estaduais. Há um ambiente que favorecia a formulação de propostas de transformação social a partir de um forte questionamento da realidade brasileira marcada pela dominação social. Isso formava para vários setores eclesiais um quadro de esperanças e de desafios.

Nesse contexto, dei os passos na caminhada de formação teológica. Ela redundou na compreensão da missão como preocupação ampla com o povo, considerando as questões sociais, econômicas e políticas que marcam a sua vida, o interesse pela participação leiga na vida eclesial, pela renovação cültica e teológica, e por uma face mais popular para a Igreja, voltada para o Reino de Deus, marcaram, entre outros aspectos, o anseio por uma nova forma de ser igreja, marcada por uma visão bíblico-teológica libertadora.

Duas fontes muito caras que eu gostaria de destacar desse período são os escritos do teólogo protestante Rubem Alves e os de teólogos latino-americanos da



libertação, especialmente os de Leonardo Boff, destacado pensador católico. Do primeiro, guardo a perspectiva permanentemente crítica, visionária, como são as marcas históricas da perspectiva teológica protestante. Ao ler *Protestantismo e repressão* [hoje republicado como *Religião e repressão*] senti as minhas estruturas religiosas e de vida abaladas. Com ele aprendi um novo sentido para a igreja e para a fé, livre de amarras doutrinárias, dogmáticas e moralistas.

Naquela mesma época nós havíamos lido a obra *Discussão sobre a Igreja*, de Zwinglio Dias, nosso professor no seminário. Com ela, ficaram marcadas as relações dialéticas movimento & instituição, eclesial & eclesiástico, comunidade sacramental & profecia, fundamentais para uma visão crítica da igreja e da experiência religiosa em geral. Tais perspectivas me acompanham até hoje e definem, em certa medida, a minha visão eclesiológica e o *princípio pluralista*. Décadas depois, tive o privilégio de prefaciá-la, não sem certo temor, uma nova edição do referido livro publicado em 2013, pela Fonte Editorial.

Zwinglio Dias nos apresentara na formação teológica as obras de Rubem Alves. A sequência de *Protestantismo e repressão*, *Dogmatismo e tolerância* e *Variações sobre a vida e a morte*, todos de Rubem Alves, marcaram decisivamente o meu pensamento e as minhas formas de agir, tanto pessoal quanto pastoralmente. Com base nessas impactantes leituras, associada à participação em várias práticas políticas e pastorais, em geral contestatórias, passei, anos mais tarde, a refletir como diversas situações dividem a vida em cortes tão profundos que dificilmente esquecemos. Apaixonarmo-nos por alguém, superarmos uma terrível enfermidade, perdermos uma pessoa querida, realizarmos significativa viagem são situações que geralmente nos dividem em antes e depois delas. E outras tantas situações existem... Para mim, especialmente no tocante aos valores teológicos principais que descobri em minha trajetória de vida, assim como nas reflexões que faço acerca da teologia e da espiritualidade, é preciso reconhecer esse forte divisor de águas na minha juventude: ter lido *Protestantismo e repressão*. Depois dele, tomei consciência de tudo o que eu era. E mais ainda: pude concluir que o “Protestantismo [ou a religião] da Reta Doutrina”, com seus dogmas e posturas moralistas, escondendo vários componentes autoritários em sua ideologia liberal e supostamente democrática, não mais atendia às necessidades do povo, no campo pastoral, especialmente com a população empobrecida. Novos rumos precisariam ser tomados.

No entanto, o racionalismo protestante parece correr nas veias, e sua pedagogia é por demais eficiente. Com isso, a cada ano de estudos no seminário, ainda muito jovem, crescia certa aversão ao irracionalismo e ao emocionalismo religioso. A crítica, sempre contundente, ao evangelismo de massas dos grupos pentecostais e à sua vivência eclesial aumentava, especialmente pela lacuna encontrada em suas práticas de não analisar cientificamente a sociedade e de não pensar sua transformação em termos políticos. Daí veio a paixão pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): o povo unido, organizado, politizado. Ainda que seja em um modelo teológico ideal, com diversas e variadas contradições, a fé está ligada à vida; todos cantam sem tirar os pés do chão; a Bíblia ilumina a conflitividade social, sem fundamentalismos e moralismos... Escolhi esta paixão!

Como eram encantadoras as leituras que brotavam dos setores da Teologia Latino-Americana da Libertação! Pude vislumbrar a possibilidade de uma nova igreja com a crítica profética (protestante, dizíamos!) de Leonardo Boff com o livro *Igreja: carisma e poder*. Com ela, descobrimos os pecados da igreja e os protagonistas dos processos de uma autêntica renovação eclesial: pobres do campo e da cidade, mulheres, negros e

variados grupos subalternos. Tal perspectiva foi reforçada com a leitura das obras de Jon Sobrino, *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*, a de Pablo Richard, *A Igreja Latino-Americana entre o temor e a esperança: apontamentos teológicos para a década de 1980* e a de Julio de Santa Ana, *Pelas trilhas do mundo a caminho do Reino*, em que compreendi melhor a prática ecumênica e o perfil libertador da igreja dos pobres.

Ao lado de tais escritos, as leituras do meu tempo de estudante que em muito me tocaram mais de perto foram as dos livros de Gustavo Gutierrez: *Teologia da Libertação* e *A força histórica dos pobres* e a dos famosos três livrinhos de João Batista Libânio: *A formação da consciência crítica*. O título desse último já diz tudo de uma época em que os meus pensamentos eram efervescentes, cheios de sonhos e de perspectivas de uma nova igreja e de uma nova sociedade.

O tempo também era de profundas descobertas no campo da leitura popular da Bíblia. De Carlos Mesters, marcou-me a leitura de *Paraíso terrestre: saudade ou esperança?*, pois com ele meus olhos se abriram para ver o futuro e não ficar preso ao fundamentalismo do passado como eu aprendera. De Milton Schwantes, eu havia lido vários textos, alguns deles mimeografados, outros publicados pelo Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). Posteriormente, a leitura de *Projetos de esperança: meditações sobre Gênesis 1-11* se mostrou ser de grande relevância para a minha prática docente. Marcou-me intensamente o livro de Elsa Tamez, *A Bíblia dos oprimidos: a opressão da teologia bíblica*. Nessa jornada li e fiquei bastante impactado com a reflexão bíblica contida em *Nossos pais nos contaram*, de Marcelo Barros. Em todos os textos, com chave de leitura libertadora da experiência bíblica do Êxodo, se revelava o amor pelos pobres, a valorização deles e o reconhecimento da opção preferencial de Deus por eles.

E o jorrar incessante da sabedoria continuava... De Clodovis Boff, li/devorei *Teologia e prática: a teologia do político e suas mediações*, em que aprendi o método "ver-julgar-e-agir", descobri a importância do recurso ao marxismo como instrumento de mediação socioanalítica da realidade social e entendi o destaque que as dimensões práticas precisam ter no processo teológico. Nossa turma do seminário tinha algumas peculiaridades. Pelo interesse na política e na crítica social e teológica, solicitamos à direção a inclusão de uma disciplina a mais em nosso currículo. Tal postura não me parece ser comum entre estudantes. E o curso que solicitamos foi de uma visão geral do marxismo. Tivemos um semestre inteiro para esses estudos. O diretor cuidadosamente chamou o curso de "Filosofia da História II" para não despertar reações de setores conservadores da Igreja. A leitura que mais nos chamou a atenção foi *Ideologia alemã*, de Karl Marx. Anteriormente, já havíamos lido o pequenino mais denso *O que é ideologia*, de Marilena Chauí e também ficamos muito impactados com *Veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, e com a obra organizada pelo arcebispo D. Paulo Evaristo Arns e pelo pastor Jaime Wright, *Brasil nunca mais*, que nos ofereceu um inventário dos processos políticos no período da ditadura militar no país e nos encheu de esperança com as possibilidades de redemocratização em curso.

Também de Clodovis Boff, vimos com muita atenção dois famosos livrinhos *Teologia pé no chão* e *Como trabalhar com o povo* e outro, de grande destaque na época, escrito com Leonardo, seu irmão, mas, com a interlocução de Jether Ramalho na questão ecumênica: *Como fazer Teologia da Libertação*. Outro texto marcante foi *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a história*, de José Comblin, cuja sensibilidade histórica e

visão crítica me deixaram marcas profundas, a ponto de estarem presentes em quase todos os cursos de temas sistemáticos da teologia que ministrei nas décadas seguintes.

Nessa jornada li também *Prática educativa e sociedade*, de Jether Ramalho, em que aprendi sobre a educação protestante brasileira, *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, de Antônio Gouvêa Mendonça, que alimentou a minha crítica ao pietismo individualista protestante, e *De dentro do furacão*, com textos de Richard Shaull, em que descobri que a Teologia da Libertação teve o seu início no contexto das igrejas evangélicas. Também li *Religião e dominação de classe*, de Pedro Ribeiro de Oliveira, e *Classes populares e Igreja nos caminhos da história*, de Luis Alberto Gomes de Souza, cujos títulos foram suficiente motivação para a leitura e de certa forma revelam o recorte teológico que a minha formação possibilitava.

Pronto! Meu itinerário espiritual estava delineado. Nessa época, aprendi que a teologia precisa sentir-se constantemente desafiada pelas visões sociais, políticas e científicas e pelas demandas que a sociedade apresenta, não se confinando aos dogmatismos eclesiais que somente empoeiram nossa visão. Aprendi também que a teologia, embora esteja longe de ser comparada com “a” Palavra de Deus, é também cortante, como faca de dois gumes, que fala para fora e para dentro, que alumia a alma, que espedaça a existência humana, mas que pode cooperar para reconstruí-la em sua integralidade.

A Teologia Latino-Americana da Libertação entrara decisivamente em meu coração e mente. Era o início da década de 1980 e todas essas leituras banhavam o meu gosto em conviver com as famílias pobres da Baixada Fluminense nos meus anos de trabalho pastoral no Rio de Janeiro, que se estenderam até o ano 2000.

## **O desafio constante da relação entre teoria e prática**

Em 1984, com meus vinte e um anos de idade, eu comecei o trabalho pastoral. Recordo-me nitidamente da manhã do dia dez de janeiro daquele ano quando eu estava na conhecida “rodoviária do shopping”, na cidade de Duque de Caxias, RJ, Baixada Fluminense, rumo à Igreja Metodista de Parque Araruama, na cidade vizinha de São João de Meriti, onde trabalhei como pastor de 1984 a 1988. O calor era fortíssimo, eu me vestia com terno e gravata, portava maleta 007 e aguardava a pessoa que me levaria à comunidade. Ao lado de um contingente expressivo de jovens que esperava os ônibus para irem à praia, o meu coração batia diferente. Além disso, um fato pitoresco que marcou ainda mais a minha memória e o sentido daquele momento: muitos olhavam para mim com certa estranheza ao ver um jovem com trajes tão formais. Uma etapa significativa de minha vida estava começando...

Na primeira semana de trabalho, procurei colocar em prática o eu compreendia ser o que Deus havia me mostrado desde garoto: que o Espírito Santo não tem barreiras de igrejas ou de religião, que os desafios pastorais são muitos e que somente podem ser enfrentados ecumenicamente. Na comunidade católica do Sagrado Coração de Jesus eu encontrei o padre Marcos, belga, preocupado com a saúde do povo e com a pastoral operária. Ele abriu a porta e me estendeu a mão, como se apraz aos cristãos. Juntos, participamos de esforços concretos de justiça: campanhas de solidariedade e de prevenção da saúde, manifestações políticas, reuniões comunitárias, cursos populares etc. Éramos católicos e evangélicos juntos na missão. Sou grato a Deus pela vida das pessoas dessa primeira comunidade, assim como das demais que se seguiram:



Gramacho (1987 -1992), Piabetá (1994-1997), Filadélfia (1998-2001), todas em municípios da Baixada Fluminense. Devo a elas e as comunidades em São Paulo, para onde fui posteriormente transferido, as bases mais significativas de meu pensamento teológico, especialmente por ter aprendido tantas coisas belíssimas do Evangelho, na simplicidade da vida e com o testemunho de tanta gente do bem. Dessa forma fui “aprendendo e ensinando uma nova lição”, como afirma a clássica canção: que o amor de Deus nos une, que a fé sem obras é morta e que se não amarmos a quem vemos do nosso lado não poderemos amar a Deus que não vemos.

Naquele período, a Igreja Metodista organizou um movimento pastoral denominado *Baixada Livre*. Era uma articulação de comunidades que procurava colocar a fé em ação, a Bíblia na vida, afirmar que a igreja é de todos, que as mulheres e as crianças têm destaque e que os pobres podem se sentir felizes porque deles é o Reino de Deus. Sabíamos que a unidade cristã se faz no cotidiano, nas situações concretas de serviço e de amor ao próximo e também é sinalizada em experiências ecumênicas de partilha da fé e da vida.

As atividades desenvolvidas procuravam articular as igrejas com as comunidades em geral a partir de experiências de formação popular nas áreas da saúde, da educação e dos direitos humanos. A equipe, além de pastores, pastoras e lideranças leigas, era também formada por médicos, advogados e educadores que organizavam debates, cursos, projetos de alfabetização de adultos, atividades lúdicas com crianças e eventos ecumênicos sempre na fronteira entre a igreja e a sociedade.

Todo o trabalho de preparação era feito em equipe. Intuímos essa nova metodologia, que era aprofundada pelos jovens pastores e pastoras da época, dentro da visão pedagógica libertadora de Paulo Freire. A formação era fundamentalmente feita a partir da prática, da ação e da participação.

Em toda essa trajetória a presença de Magali Cunha, com quem me casara em 1986, é fortíssima. Ela esteve atuando e liderando várias destas iniciativas. A experiência ecumênica dela desembocou em sua representação metodista no Conselho Mundial de Igrejas e na participação ativa em várias organizações e movimentos ecumênicos. Desde o início, temos realizados juntos trabalhos de base, atividades acadêmicas e uma significativa produção de material teológico-pastoral.

Nessa mesma época trabalhei no Instituto Metodista Bennett, no Rio de Janeiro, por dois períodos. O primeiro como agente de pastoral universitária (1984-1988) e o segundo como professor do curso de Teologia (1997-2000). Também atuei em organizações ecumênicas como o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, hoje Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço) e outras iniciativas similares. Essas experiências, somadas à atuação na pastoral popular da Baixada Fluminense, constituíram um marco teológico singular, que, mesmo sendo revisto e aprofundado permanentemente por mim, constitui as bases das dimensões ecumênicas e proféticas marcantes em minha trajetória teológica. As intuições do *princípio pluralista* estavam aí presentes.

## **Teologia e pastoral popular: bases proféticas e ecumênicas**

As reflexões teológicas sobre os desafios da pastoral popular, tanto na versão católico-romana quanto na dos grupos ecumênicos e setores evangélicos, marcaram os

primeiros anos de minha trajetória acadêmica. Os primeiros textos que publiquei foram nessa área e correspondem à etapa inicial de minha produção, mesmo sem ainda ter dado os passos completos nos estudos de pós-graduação. O ambiente ecumênico em que eu trabalhava e certo interesse e inclinação em registrar minhas visões pastorais e teológicas favoreceram uma produção em revistas teológicas destacadas na época. Ainda que precoce e ensaísta, a produção obteve certa aceitação de diferentes círculos e gerou debates instigantes, sobretudo sobre o dado ecumênico.

Alguns fatores possibilitaram tal processo. Além da formação teológica realizada na primeira metade da década de 1980, em um contexto, como já referido, marcado por novas ideias e pela efervescência da Teologia Latino-Americana da Libertação, participei de vários círculos teológicos que moldaram substancial preocupação com uma teologia ecumênica e conectada com os sinais dos tempos expressos na sociedade. Estas vivências possibilitaram a produção que pude oferecer a partir da virada para os anos de 1990.

A experiência pastoral metodista na região da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, o trabalho com educação popular em organizações como o Programa de Assessoria e Serviço à Baixada Fluminense (PAS-BAIXADA) e o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, hoje Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço), a atuação na Pastoral Universitária do Instituto Metodista Bennett, a formação teológico-pastoral no Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e à Educação Popular (CESEEP), em São Paulo e a inserção em eventos políticos da época, incluindo a filiação ao Partido dos Trabalhadores (PT), em 1989, diante de processos de redemocratização do País, como o movimento "Diretas Já" (1984), assim como mobilizações eleitorais mais amplas e intensas que se deram no início dos anos de 1980, me ofereceram os fundamentos para uma visão teológica profética, ecumênica e preocupada com os destinos da vida no mundo.

Pelo CEDI tive a oportunidade de integrar a comissão organizadora da Primeira Jornada Ecumênica (Mendes, RJ, 1994). O evento reuniu as lideranças e os grupos mais destacados do movimento ecumênico nacional e fez um levantamento dos principais temas e questões que deveriam constar das preocupações ecumênicas, pastorais, e teológicas em geral. Ao organizarmos o livro com as sínteses dos debates e reflexões, *O sonho ecumênico: prefácio ao novo milênio*, nos deparamos com diversos pontos que marcavam as relações entre teologia e economia, pastoral e cidadania, teologia e política, teologia e cultura, além de reflexões em torno das questões de gênero, negritude, leitura popular da Bíblia, entre outros campos da prática ecumênica.

Esse conjunto de vivências me levou na década seguinte a participar de um círculo teológico denominado Emaús, ou como eu o conhecia: o "grupo de Petrópolis". Trata-se de uma articulação de renomados teólogos e cientistas da religião ligados à Teologia da Libertação e às Comunidades Eclesiais de Base, da Igreja Católica. Em 1994 eu participei pela primeira vez do grupo. Naquela época eu estava com 32 anos de idade e já havia 'rodado' um pouco nas estradas do pastorado e em outros círculos de ação política, pastoral e teológica. Não obstante a isso, o grupo de Emaús me chamava de 'jovem' e, de fato, fui convidado para participar dele por essa motivação.

O grupo Emaús já estava comigo desde jovem; ou desde quando eu era '*realmente*' jovem. Muitos de seus integrantes eu os vi em palestras e cursos, ainda no meu tempo de estudante, especialmente no Instituto Metodista Bennett, no Rio de Janeiro,

na época um importante centro de circulação do pensamento teológico ecumênico e libertador.

Houve um segundo momento anterior à minha entrada no grupo Emaús em que tive também um bom contato com integrantes dele e que marcou fortemente a minha trajetória teológica e pastoral. Foi em 1989 por ocasião da preparação e a realização do Sétimo Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base. Convidados pelo bispo D. Mauro Morelli, da Diocese de Duque de Caxias e São João do Meriti, nós da Igreja Metodista e de outras igrejas evangélicas cooperamos na organização do encontro, em diversas áreas e atividades. Pastores, pastoras, leigos e leigas provenientes de diferentes comunidades da Baixada Fluminense e da cidade do Rio de Janeiro, compuseram equipes de serviços ao evento e, durante ele, mais de uma centena de evangélicos vindos de diferentes Estados do Brasil, participaram ativamente do encontro, dando um testemunho e um colorido ecumênico especial a ele. Lá eu encontrei quase todos os integrantes do grupo e tive os meus horizontes ampliados.

Com base na experiência de participação nesse evento eu publiquei o meu primeiro texto. Por ser primeiro, há um simbólico e significativo valor pessoal. Trata-se de "Um encontro de ecumenismo, solidariedade e esperança: 7º Intereclesial de CEBs" (REB – *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1989), também publicado na revista *Tempo e Presença*, na época um dos mais destacados veículos ecumênicos do Brasil. No texto já se encontrava presente a máxima que norteia o movimento ecumênico e que cada vez mais tem marcado minhas reflexões teológicas. Trata-se da tríplice dimensão do ecumenismo: a *unidade cristã*, com base no reconhecimento do escândalo histórico das divisões e na preocupação em construir perspectivas missionárias ecumênicas; a *promoção da vida*, firmada nos ideais utópicos de uma sociedade justa e solidária e na compreensão de que podem reger a organização da sociedade integrando todas as pessoas e grupos de "boa vontade"; e o *diálogo inter-religioso*, na busca incessante da superação dos conflitos entre as religiões, pela paz e pela comunhão justa dos povos. Nesse aspecto e em várias outros que me defrontei, foi fundamental a leitura da contribuição de Julio de Santa Ana com o livro *Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*.

Depois disso, eu segui acompanhando e posteriormente assessorando os encontros intereclesiais das CEBs, em nível nacional, que se reuniram em Santa Maria, RS (1992), São Luiz, MA (1997), Ilhéus, BA (2000), Ipatinga, MG (2005), Porto Velho, RO (2009), Juazeiro do Norte, CE (2014), Londrina, PR (2018) e Rondonópolis, MS (2023). Em relação ao trabalho de assessoria a esses encontros, tanto na realização deles como no processo de preparação, tive a grata experiência de conhecer diversas comunidades, dioceses e grupos da pastoral popular católica em vários lugares do Brasil. Alguns em áreas rurais e interioranas. A convivência com uma gama considerável de pessoas pobres, politicamente articuladas, conhecedoras da Bíblia e dos problemas sociais que afligem a vida humana e a terra me possibilitou uma compreensão mais apurada do Evangelho.

O debate ecumênico estava sendo um ponto de destaque em minhas reflexões. Não somente pelo trabalho no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e pelas experiências pastorais e de assessoria a diferentes grupos, católicos e evangélicos, mas, também pela sensibilidade teológica sobre os aspectos do ecumenismo. Como sabemos, a perspectiva ecumênica, tanto na dimensão intracristã como na inter-religiosa, ganhou nas últimas décadas forte destaque nos ambientes teológicos. A pressuposição é que ela é fundamental para todo e qualquer experiência religiosa ou esforço teológico ou hermenêutico. Esta visão, quando vivenciada existencialmente e/ou

assumida como elemento básico entre os objetivos, altera profundamente o desenvolvimento de qualquer projeto, iniciativa ou movimento religioso. Daí, o interesse pelos estudos ecumênicos. No tocante à teologia, em todos os seus campos, o dado ecumênico suscita novas e desafiantes questões. A visão ecumênica amplia a visão missionária e mostra com maior nitidez a realidade plural e complexa em que se vive em cada época. Ela faz com que os grupos saiam de si mesmos. Tal perspectiva me acompanhou pelas décadas seguintes.

No entanto, não obstante os sinais de abertura e de renovação eclesial, já no final dos anos de 1980 o contexto sociopolítico nos trouxera outro quadro. Era a época do fortalecimento dos reajustes econômicos neoliberais. No campo ideológico, iniciava-se uma nova etapa política com o declínio dos Estados socialistas. Isso influenciou bastante a reflexão teológica e as práticas pastorais, gerando perplexidade e certa imobilização, especialmente para a teologia latino-americana, devido às suas bases utópicas, e para as igrejas, que já começavam a se fechar em conservadorismos.

Nessa época, produzi vários textos que procuravam fazer um inventário dos principais desafios teológicos e pastorais diante das mudanças que a sociedade enfrentava, especialmente o fortalecimento das propostas econômicas neoliberais, maiores índices de violência nas grandes cidades, o crescimento do pentecostalismo e sua maior visibilidade social, e a maior ênfase nas formas religiosas intimistas e com acento individualista. Os textos tiveram certa aceitação e foram bases importantes para as reflexões que realizei nas décadas seguintes. Tais interpretações que fiz na época precisam ser permanentemente revistas em função da dinâmica dos movimentos religiosos e da velocidade dos processos sociais e culturais hoje presentes na sociedade. Para as análises atuais novos levantamentos e reflexões precisam ser feitas e não tem sido tarefa fácil cumprir tal demanda.

## **O debate com a teologia protestante europeia**

Durante quase uma década, a de 1990, percorri com muita satisfação os caminhos da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro, para os meus estudos de Pós-Graduação em Teologia. Após o período de formação teológica (1981-1985) no contexto da educação metodista, a experiência inicial do trabalho pastoral e o intenso trabalho, nessa mesma década, de assessoria a movimentos populares, comunidades eclesiais de base e grupos ecumênicos, tanto na Baixada Fluminense onde eu morava, como em distintas partes do Brasil, fui recebido na Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Diante da riqueza que os anos de 1980 nos proporcionara, especialmente as “novas formas de ser igreja” e o avanço democrático no País, e decidido a dar continuidade aos estudos para encontrar bases mais sólidas para refletir sobre os desafios sociais e eclesiais que avistávamos, comecei, então, os estudos de pós-graduação.

De tantos aspectos marcantes desse processo de formação e pesquisa, destaco o ambiente plural e a convivência afetiva entre professores e estudantes, pastores, padres, leigos e leigas. Tudo isso acompanhado, é evidente, por seriedade acadêmica, solidez da formação dos docentes e boa estrutura institucional. Em relação aos docentes, o ponto alto era a contribuição dos leigos e leigas. Isso é fundamental na formação teológica! Os espaços clericalizados estão fadados ao insucesso e à irrelevância. E todos nós estudantes vibrávamos com as aulas de Faustino Teixeira, Ana Maria Tepedino, Tereza

Cavalcanti, Maria Clara Bingemer e Paulo Fernando. Sou igualmente muitíssimo grato a eles e a elas porque me ajudaram a pensar a fé e a igreja em uma lógica plural, participativa, comunitária e crítica. Da mesma forma, expressei a minha gratidão pela contribuição acadêmica dos padres Jesus Hortal, Emanuel Buzon, Mario França Miranda, Alfonso Garcia Rubio; e também a outros que não tive a oportunidade de ter aulas, mas convivi e percebi o testemunho deles.

A memória de minha caminhada na PUC tem a fortíssima marca desse último, meu orientador no mestrado (1991-1994) e no doutorado (1997-2000): Alfonso Garcia Rubio. Com ele aprendi que o ser humano é integral e todas as dimensões da vida devem ser valorizadas. Eu, que não já gostava das interpretações dicotômicas, mesmo as da esquerda política, bebi da fonte do conhecimento desse professor e moldei minha posterior trajetória docente, na Universidade Metodista de São Paulo, nas visões bíblicas do “humano integrado”. A sua obra *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e reflexão cristãs* foi significativa no meu processo de reflexão teológica. Outra dimensão fundamental da formação teológica e dos estudos acadêmicos que aprendi com Garcia Rubio é que a teologia se constrói coletivamente. Tive da parte dele, como orientador, toda a atenção particular e privada que precisava. Todavia, foi, sobretudo, o “Círculo do Rio”, que reúne os estudantes dele para debate coletivo das teses, dissertações e temas de destaque, o espaço no qual eu mais aprendi. Foram muitos anos de convivência, quase uma década, e até hoje mantemos atividades conjuntas.

Eu havia apresentado à PUC a proposta de pesquisa para o mestrado na área da teologia protestante contemporânea. Minha intenção era estudar os teólogos europeus e fazer um cotejamento com os desafios teológicos e pastorais que emergiam na realidade brasileira.

Durante o período dos estudos eu tive a oportunidade de desfrutar de um ano de pesquisas no *Selly Oak Colleges*, ligado à Universidade de Birmingham, Inglaterra (1993). Ao acompanhar minha esposa, Magali, em seu trabalho como *partner in mission* na atividade denominada *Grassroots Programme*, tive a oportunidade de realizar cursos na área de teologia europeia contemporânea e utilizar o acervo das bibliotecas da Universidade, em especial no tocante às obras de Karl Barth, Paul Tillich e Dietrich Bonhoeffer.

Depois de leituras desses autores, precisei delimitar a pesquisa em um dos conceitos barthianos: a provisoriedade da Igreja. Isto, que já era fruto de minhas perspectivas e intuições vocacionais, marcou profundamente a minha atuação futura no campo eclesial e no campo teológico.

A pesquisa, que tem o título “A provisoriedade da Igreja: a contribuição da eclesiologia de Karl Barth para o protestantismo brasileiro”, desenvolvida entre 1991-1994, partiu da premissa que o protestantismo de missão brasileiro, formado pelas iniciativas missionárias oriundas dos EUA no século 19, não conseguiu responder aos desafios dos processos de industrialização e urbanização brasileiros. Anteriormente, já havia sido formado por uma mentalidade pietista e conversionista, distante dos postulados teológicos da Reforma Protestante e de valores culturais brasileiros. Somam-se a isto, os aspectos clericais, sectários e burocráticos que formam a realidade eclesiológica protestante no Brasil, essencialmente racionalista e marcadamente fundamentalista. As reações a este quadro são visíveis, em especial, as experiências carismáticas, ecumênicas e de inserção política dos cristãos. Todavia, tais reações não haviam alterado substancialmente a realidade das igrejas.



Em função disso, um dos caminhos para uma nova eclesiologia seria a busca de referenciais teológicos protestantes, uma vez que estes pouco estiveram presentes nas igrejas. Em minha visão, o teólogo Karl Barth, em especial pelo debate que travou com o liberalismo teológico, possuía, como outros autores, um lugar privilegiado. Ele oferece, em sua eclesiologia, o conceito de “provisoriamente da Igreja”. A Igreja é de Deus, firmada, não em “concordância de verdades”, mas no senhorio e seguimento de Jesus Cristo, sob a orientação do Espírito Santo. Isto atribui a ela, a natureza de evento, que a protege de enrijecimentos institucionais e burocráticos. Este evento, somente perceptível pela fé, é sempre iniciativa divina jamais realizável humanamente. Os seres humanos participam da realização da Igreja quando despertados pelo Espírito Santo e, ainda sim, com atitudes relativas e provisórias.

Depois deste período, caminhos diferentes reuniram dois polos de motivação para vários estudos que fiz para o meu doutoramento (1997-2000), cujas temáticas parecem ser de certa importância para a reflexão teológica atual. O primeiro trata das fortes transformações no campo teológico e religioso brasileiro, dentro do quadro – igualmente de mudanças – da sociedade em geral. Elas mobilizam o debate científico, teológico e pastoral e acrescentam inquietações e novos desafios para as diferentes áreas. O outro polo é o interesse pelas conexões entre a produção do renomado teólogo protestante Paul Tillich e a teologia latino-americana, em especial no que diz respeito à metodologia teológica. Esse destacado teólogo, em especial pelas reflexões sobre religião e cultura, fé e política, e teologia e ciências, pode oferecer substanciais indicações para o contexto latino-americano, não obstante ter produzido sua teologia em outra época e em diferente contexto sociocultural.

A leitura preliminar dos escritos de Tillich me despertou a atenção para uma série de questões teológicas próprias do contexto latino-americano. A partir disto, percebi com maior nitidez que, no quadro das questões teóricas, a teologia latino-americana necessitava debruçar-se sobre diferentes pontos. Um aspecto que se revelou crucial no desenvolvimento da história do pensamento teológico, e está diretamente relacionado ao quadro sociorreligioso e teológico latino-americano, é a relação entre Reino de Deus e história.

A tese se propôs a discutir a atualidade dessa relação na teologia de Tillich. Para isso, por diferentes razões, foram abertas frentes de diálogo, tanto no contexto católico-romano quanto no protestante, com a Teologia da Libertação e com o conjunto de práticas sociorreligiosas denominado pelos analistas como “Teologia da Prosperidade”. Ambas, mesmo com diferentes acentos e perspectivas, possuem fortes ênfases intra-históricas na relação que estabelecem entre o Reino de Deus e a história. Tais ênfases podem gerar formas idolátricas no pensar e no agir humanos caso haja identificação direta ou expressa do Reino com projetos históricos determinados.

Nessa mesma época, tive a grata satisfação de ter em 1999 a oportunidade de atuar como professor visitante no *United College of the Ascension*, na cidade de Birmingham, Inglaterra. As reflexões que desenvolvi giraram em torno do tema da missão sob o enfoque latino-americano, especialmente a opção preferencial pelos pobres, a visão ecumênica e a necessidade de articulação entre a fé e a vida, levando em conta a superação das culturas individualistas e violentas que marcavam o cenário social.

## A experiência docente

Uma de minhas grandes paixões é a tarefa docente. Ao lado do trabalho pastoral, ela forma uma fonte de intensa realização e satisfação em minha vida. Desde a primeira experiência em um curso com ênfase pastoral que eu havia ministrado no Seminário Metodista Cesar Dacorso Filho, em 1988, passando pela grata vivência no Seminário Teológico da Igreja Congregacional (1993-1998), ambos na cidade do Rio de Janeiro, somada a algumas participações oferecendo cursos intensivos de sociologia do protestantismo brasileiro na Faculdade Franciscana de Petrópolis, RJ e ao período que atuei no Rio de Janeiro como docente no curso de Teologia do Instituto Metodista Bennett (1997-2000) guardo amável e gratificante memória. Somam-se a isto diversas experiências no campo da educação popular com o oferecimento de formação para leigos e leigas, tanto no contexto da Igreja Católica, em diferentes partes do Brasil, quanto da Metodista, especialmente a formação oferecida no Núcleo de Formação Básica, de Nilópolis, RJ

Em 2001, fui transferido para atuar na Faculdade de Teologia, da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo-SP. Lá, ao mesmo tempo, atuei pastoralmente em cinco diferentes comunidades. Também tive, com a chegada do Guilherme, após 15 anos de casamento, a graciosa e indescritível tarefa de ser pai.

No campo acadêmico, passei a experimentar, a partir do ano de 2001, situações que me levaram a pesquisar novos temas. No Centro de Estudos Wesleyanos, da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, procurei conhecer melhor o pensamento de John Wesley, nos primórdios do movimento metodista na Inglaterra do século 18, especialmente a sensibilidade especial dele em relação às pessoas mais pobres e como tal perspectiva estrutura a teologia metodista, minha casa teológica.

Nessa mesma época, organizei melhor os esquemas de trabalho docente com os temas da teologia sistemática a partir da ministração de vários cursos que abordavam a doutrina da criação e a antropologia teológica, a cristologia, a pneumatologia, a eclesiologia e a escatologia. Perpassaram esses estudos, as linhas norteadoras da teologia latino-americana, como eu havia aprendido desde a juventude e a contribuição da teologia europeia de Paul Tillich, Karl Barth e Jürgen Moltmann. A relação entre teoria teológica e prática pastoral e uma preocupação permanente com a espiritualidade, entendida e vivida sob a chave do despojamento, estiveram constantemente presentes nas reflexões e textos que produzi nesse contexto.

A experiência docente mais duradoura foi na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. Foram treze anos de trabalho, sempre realizado concomitantemente com a prática pastoral em comunidades locais da região, desfrutando de uma convivência saudável entre colegas, de boa estrutura acadêmica e de condições para refletir sobre o trabalho docente e para publicar os principais conteúdos trabalhados nos cursos. Sou grato por esses anos de trabalho. Lá pude organizar pesquisas em torno de temas teológicos de destaque.<sup>5</sup> Nesse contexto, criei o grupo de pesquisa *Teologia no Plural*,

---

<sup>5</sup> A interrupção das aulas na Faculdade de Teologia se deu por processos eclesiásticos. Foi-me apresentado o motivo em torno da necessidade de “renovação” do quadro docente, que deveria estar mais alinhado com as novas perspectivas pastorais da Igreja Metodista instauradas pelos processos políticos dirigidos pelas lideranças dos movimentos de avivamento religioso em curso. Os relatórios e posicionamentos episcopais reconheceram que, no campo da moralidade pessoal, não havia nada que me desabonasse. Também reconheceu que a Faculdade de Teologia “enfrenta mudanças em sua teologia, sendo que em alguns momentos se torna protagonista de algum movimento teológico e em outros se torna antagonista de outros movimentos. (...) Ela já transitou por uma linha teológica mais conservadora, outro momento por uma teologia mais liberal, progressista, academicista, já focou bastante e ainda sustenta alguns eixos da Teologia da Libertação e latino-americana. Como alguns aspectos desta

cujo trabalho ganhou maior impulso no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da mesma universidade, onde eu já atuava desde 2007 e permaneci até 2017.<sup>6</sup>

No período em que trabalhei na Universidade Metodista de São Paulo (2001-2017), desenvolvi várias atividades. Ao lado do trabalho docente, tive a oportunidade de atuar na direção de uma das unidades acadêmicas da Universidade, a Faculdade de Humanidades e Direito (2009-2011), que congregava cursos e atividades em diferentes áreas como Filosofia, Pedagogia, Letras, Direito, Ciências da Religião e Ciências Sociais. Para integrar estas áreas criamos o Núcleo de Educação em Direitos Humanos e demos continuidade ao trabalho multidisciplinar do Núcleo de Formação Cidadã. Também atuei nos conselhos científico e diretor da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (Anptecre), de 2011 a 2018, e nas equipes de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), de 2018 a 2022. Foram anos de enorme aprendizado, sobretudo pelo acompanhamento de áreas distintas do conhecimento.

### **Lógica plural e os estudos culturais**

No Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, desenvolvi, inicialmente, pesquisas em torno do método teológico, sobretudo a crítica *ad intra* à Teologia da Libertação, como as de Hugo Assmann, Juan Luiz Segundo, José Comblin, Julio de Santa Ana e Franz Hinkelammert, e como as das teologias feministas especialmente a contribuição crítica de Ivone Gebara, Elza Tamez e Marcella Althaus-Reid. Em foco esteve presente a necessidade de se repensar o método teológico diante da emergência das situações que valorizam a subjetividade humana, a ecumenicidade da vida e a pluralidade.

Da mesma forma, a noção de fronteira e de entre-lugar nos desafiava. As leituras de autores como Homi Bhabha, com o seu livro *O local da cultura*, e Boaventura de Souza Santos, especialmente com *A gramática do tempo* e *Pela mão de Alice*, tiveram lugar especial nesse processo de melhor compreensão da realidade plural que marca o nosso tempo. As noções de entre-lugar, de globalização contra hegemônica e os diferenciais de poder que precisam ser levados em conta no debate sobre pluralismo fazem parte desse empreendimento.

Diante das mudanças sociais e com a intensificação da pluralidade cultural e religiosa e da complexidade da realidade social, ao menos três necessidades requerem acuidade nas análises. A primeira enfatiza a necessidade de alargamento metodológico

---

teologia se inspiraram num socialismo ideológico e partidário, ela vem perdendo forças devido à falência e fracasso das ideologias de esquerda, que cada dia se mostram autoritárias e tão corruptas quanto às de direita. Só não se firmou ainda em um eixo mais evangélico e carismático" (Relatório episcopal, 2015, 5ª Região Eclesiástica). Nesse contexto de obscurantismo se deram as mudanças no quadro docente.

<sup>6</sup> O meu trabalho acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, foi interrompido no final de 2017. Não recebi da parte dos dirigentes qualquer justificativa. Também não havia qualquer sinal de fragilidade em meu trabalho como falhas pedagógicas, índices baixos de avaliação, ausências, falta de produção acadêmica, conduta inadequada ou algo similar. Ao contrário, o destaque era sempre ampla e reconhecidamente positivo. O que pude concluir é que o meu posicionamento teológico pluralista foi decisivo para que os setores eclesiais da Igreja Metodista, no caso episcopais, como representantes da mantenedora das instituições de ensino, impusessem tal decisão à universidade.

para uma compreensão mais apurada da complexidade social, que possa fugir das explicações e formulações dicotômicas e bipolares. A segunda reside em uma articulação mais adequada entre a racionalidade que marca a reflexão teológica latino-americana com as dimensões da subjetividade humana que emergem fortemente na atualidade, o que requer formas novas, gratuitas e mais autênticas de espiritualidade. A terceira está em torno de um aprofundamento das questões que emergem da valorização do pluralismo religioso e como tal posituação incide no fortalecimento da democracia, das práticas ecumênicas e de cunho libertador e da defesa dos direitos humanos e da terra. Como decorrência dessas pesquisas, surgiram as preocupações com o pluralismo religioso.

A leitura de autores estrangeiros como Paul Knitter, Hans Küng, John Hick, Elza Tamez, Michael Amaladoss, Stuart Hall, Inderjit Bhogal, Kwok Pui-Lan e Roger Haight e de latino-americanos como José Maria Vigil, Faustino Teixeira, Maria Clara Bingemer, Ivone Gebara e Marcelo Barros marcaram uma nova etapa em meu pensamento teológico e exigiram mais e melhores esforços na direção de interpretações antropológicas e teológicas do pluralismo religioso. Além disso, tive a grata possibilidade de maiores contatos ecumênicos inter-religiosos. Se no passado isso já se dava na aproximação intrarreligiosa cristã, por meio da amizade e trabalho conjunto com vários grupos católicos, atualmente posso alimentar a minha fé protestante na relação com pessoas que vivenciam outras fés, que não a cristã. Poder balizar a minha vida com base nesses encontros de diferentes fés é sempre desafiador e tem me alimentado substancialmente. Sou grato, por exemplo, pela participação, nessa época, no Fórum Inter-religioso de Santo André, SP, no qual tive a oportunidade de vivenciar perspectivas religiosas distintas e ver o testemunho de tantos grupos que levam a sério o compromisso ecumênico de comunhão, de serviço e de busca pela paz com justiça.

A pesquisa em torno do pluralismo religioso foi motivada pelo destaque que a temática tem ocupado na sociedade, tanto em termos nacionais como no mundo todo. Além disso, o pluralismo religioso tem tido também destaque no contexto acadêmico, em diferentes áreas do conhecimento. Foi decisiva a análise da coleção “Pelos muitos caminhos de Deus”, organizada pela Associação de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT), com o trabalho de José Maria Vigil, Marcelo Barros e Luiza Tomita.

## **Pluralismo religioso, democracia e direitos humanos**

Como desdobramento das reflexões sobre pluralidade surgiu o interesse pela relação entre o pluralismo religioso, a democracia e os direitos humanos. Para isso, desenvolvi um projeto de pesquisa, como estágio de pós-doutoramento, que desenvolvi em 2015 na *Southern Methodist University* (SMU), em Dallas, EUA, com a supervisão de Joerg Rieger, da *Perkins School of Theology* e com o apoio do CNPq. Foi um momento significativo para mim, com ampliação de horizontes de pesquisa e de diálogo intercultural.

A pesquisa analisou questões que emergem do quadro de pluralismo religioso e que se relacionam com a temática dos direitos humanos e com processos de aprofundamento da democracia no Brasil. A intenção desde a sua primeira fase foi indicar bases conceituais para análise dos espaços fronteiriços entre a presença pública das religiões, em especial os diálogos inter-religiosos no Brasil, e os esforços de aprofundamento da democracia e de articulação contra hegemônica na defesa dos direitos humanos.

Uma visão mais completa está no livro *Religião, democracia e direitos humanos: presença pública inter-religiosa no fortalecimento da democracia e na defesa dos direitos humanos no Brasil* (2016). A pesquisa se originou no fato que nos tem chamado à atenção de termos uma dimensão ambígua no quadro religioso brasileiro no tocante às questões ecumênicas. Percebemos ao mesmo tempo o fortalecimento de perspectivas religiosas com ênfases verticalistas, conflitivas, fundamentalistas, não dialógicas e que tendem à violência, física e simbólica, assim como também visões e formas ecumênicas de aproximação, de cooperação e de diálogo inter-religioso. Foi ao segundo grupo de experiências que nos dedicamos neste trabalho.

Ao lado das pesquisas, desenvolvi várias atividades práticas relacionadas aos temas em questão. Destaco a assessoria ao Programa de Cooperação e Diálogo Inter-religioso do Conselho Mundial de Igrejas (com reuniões em Dubai, 2013, Beirute-Líbano, 2014, Matanzas-Cuba, 2017) para reflexão sobre pluralismo religioso e múltiplas pertencas religiosas, e o acompanhamento de atividades, de organizações e de fóruns inter-religiosos no Brasil. Tais inserções e acompanhamentos marcaram decisivamente as reflexões que fiz e tenho feito.

### **A formulação do princípio pluralista**

A primeira vez que utilizei a expressão “*princípio pluralista*” foi em uma conferência no Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realizada no dia 17 de agosto de 2017, cujo tema foi “Pluralismo Religioso na América Latina”. Eu estava bastante motivado pelas experiências de diálogo inter-religioso que se abriam para mim, especialmente no contexto de participação em fóruns inter-religiosos e de outros canais de diálogo, tanto em nível local e nacional, como também nos espaços criados pelo Programa de Cooperação e Diálogo Inter-Religioso do Conselho Mundial de Igrejas, como já referido.

Após a conferência, o Programa da PUC teve a gentileza de publicar o texto em sua *Revista de Cultura Teológica*, com o título “O *princípio pluralista*: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação”. No mesmo ano, o IHU publicou em seus *Cadernos Teologia Pública*, com o título “O *princípio pluralista*” um aprofundamento do texto, o qual teve boa circulação e aceitação em alguns setores dos estudos de religião.

O *princípio pluralista* tem sido o foco de minha produção acadêmica recente, e ela está associada aos objetivos e resultados de pesquisas desenvolvidas sequencialmente nos últimos anos.<sup>7</sup> A primeira, intitulada “Presença pública inter-religiosa, democracia e direitos humanos no Brasil”, é oriunda do estágio de pesquisa de pós-doutoramento, já referido.

---

<sup>7</sup> O debate sobre o *princípio pluralista* está articulado com o Grupo de Pesquisa Interinstitucional “[Espiritualidades contemporâneas, pluralidade religiosa e diálogo](https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2021/05/Claudio-Ribeiro_Como-cheguei-ao-principio-pluralista_PDF.pdf)”, da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (Anptecre) e da Sociedade de Teologia e Estudos de Religião (Soter), atualmente coordenado por Dr. Roberlei Panasiewicz (PUC Minas), Gilbráz Aragão (Unicap-PE), Maria Cecília Simões (UFJF), Rita Grassi (PUC Minas), Lucca Pacheco (Unicap-PE) e por mim (UFJF). Em vários eventos destas associações e sessões do grupo, as ênfases de nossa pesquisa foram apresentadas e discutidas e vários artigos e livros foram publicados. Os principais textos publicados até 2020 podem ser encontrados em *Como cheguei à formulação do princípio pluralista*, disponível em [https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2021/05/Claudio-Ribeiro\\_Como-cheguei-ao-principio-pluralista\\_PDF.pdf](https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2021/05/Claudio-Ribeiro_Como-cheguei-ao-principio-pluralista_PDF.pdf)



A segunda, “Movimentos inter-religiosos, política e espaço público no Brasil”, é resultante do estágio de pesquisa de pós-doutoramento realizado em 2018-2019, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade de Campinas, com apoio do PNPD-Capes, sob a supervisão do Prof. Dr. Breno Martins Campos.

A terceira, intitulada “O *princípio pluralista* como chave de interpretação e análise de movimentos inter-religiosos no Brasil”, foi desenvolvida como tarefa principal de meu trabalho como professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora (2019-2021).

Na sequência do meu trabalho nesta universidade, um quarto projeto de pesquisa foi elaborado e está em desenvolvimento. Trata-se de “Os movimentos inter-religiosos no Brasil vistos a partir do *princípio pluralista*” (2023-2025), que visa um cotejamento com a pesquisa similar anteriormente realizada, na qual diversos movimentos e grupos inter-religiosos foram analisados.

Nas reflexões que realizo, tenho buscado melhor fundamentação teórica, e, ao mesmo tempo, a aplicação do *princípio pluralista*. Ele, como tenho dito, é um instrumento hermenêutico de mediação teológica e analítica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade à experiências, grupos e posicionamentos que são gerados nos “entre-lugares”, bordas e fronteiras das culturas e das esferas de institucionalidades. Ele possibilita divergências e convergências novas, outros pontos de vistas, perspectivas críticas e autocríticas para diálogo, empoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder presentes na sociedade. Nossa pressuposição é que o *princípio pluralista*, formulado a partir de lógicas ecumênicas e de alteridade, possibilita melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e também das ações humanas. Não se trata apenas de uma indicação ética ou “catequética”. Com ele, as análises tornam-se mais consistentes, uma vez que possibilitam melhor identificação do “outro”, especialmente as pessoas e grupos que são invisibilizados dentro da lógica da sociologia das ausências.

Outro bloco de destaque na formulação do *princípio pluralista* são as análises sociais latino-americanas que tratam da perspectiva ou do “giro decolonial”, como as do semiólogo argentino Walter Mignolo, além das do sociólogo peruano Aníbal Quijano, da educadora estadunidense radicada no Equador Catherine Walsh e as do filósofo argentino Enrique Dussel. O “decolonial”, que se distingue do “pós-colonial” ou do “descolonial”, indica uma desobediência epistêmica sem a qual “não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases” (MIGNOLO, 2008, p. 288). Em linhas gerais, elas enfatizam os processos de encobrimento e silenciamento das culturas historicamente marginalizadas e a necessidade de se ressaltar o valor delas para a produção do conhecimento. As perspectivas decoloniais são interpelações políticas e epistemológicas, com um sentido estratégico e com caráter propositivo e prático, de reconstrução de culturas, de instituições e de relações sociais, tendo em vista o empoderamento de grupos subalternos e construções críticas alternativas e plurais, tanto para as produções acadêmicas quanto para as práticas sociais e políticas. O *princípio pluralista* é devedor e, ao mesmo tempo, indicador destas visões conceituais.

Uma obra extensa e detalhada, intitulada *O princípio pluralista* (Loyola, 2020), foi produzida. Nela, apresento todos os passos e as bases de minha pesquisa advindos das reflexões sobre este princípio. O volumoso livro está dividido em quatro partes que tratam das bases teóricas e conceituais plurais, da pluralidade metodológica, da pluralidade religiosa e da pluralidade antropológica.

Desejamos que as reflexões apresentadas estimulem novas ideias, práticas e caminhos para uma compreensão mais adequada da diversidade religiosa, mas também das outras formas de pluralismo como o metodológico e o antropológico, e possam gerar novos debates e posicionamentos.

## **Considerações finais: memória e espiritualidade**

Quando se tem mais de sessenta anos de idade e, especialmente no meu caso, que passei por uma delicada cirurgia cardíaca quando tinha cinquenta e três, é bastante comum o exercício de certos balanços existenciais. Os estudos de religião, embora com os pés bem firmados no presente, como nos ensina a Teologia Latino-Americana da Libertação, e comprometida com o futuro, na linha da Teologia da Esperança, do teólogo alemão Jürgen Moltmann, precisam também olhar para o passado e discernir suas bases históricas. Na busca do *princípio pluralista*, a dimensão da espiritualidade que articula passado-presente-e-futuro se tornou fundamental para mim.

No transcorrer das décadas, em especial pelas experiências vividas no acompanhamento das situações-limite das pessoas, e também pelas bases teóricas que foram sendo assimiladas e assumidas criticamente, como se espera dos processos acadêmicos, a busca do sentido mais global da vida norteava o meu pensamento que foi e está sendo formado.

Com todas as ambiguidades e contradições que a vida nos impõe, tenho procurado seguir esses rastros. Tal feito tem sido na companhia de muitas e variadas letras, mas, sobretudo, de pessoas, algumas delas pouco letradas e, outras, renomadas, gente simples e grupos seletos, narrativas e conceitos, testemunhos e análises. A busca do *princípio pluralista* precisa ser de vários caminhos.

Foi gratificante e prazeroso poder listar as leituras que marcaram a minha trajetória de vida, desde os tempos de estudante até o atual estágio de atividade docente. Da mesma forma, o balanço dado nos principais aspectos do meu trabalho me deu maior nitidez dos limites e das possibilidades para as minhas reflexões e produção acadêmica e dos desafios que estão à minha frente. Por isso, denominei de busca teórica, mas ao mesmo tempo espiritual, pois o esforço de organização dos temas e ênfases me revelaram as principais mudanças em minhas perspectivas e formas de agir, mostraram as rupturas que passei e que preciso passar e também foram importantes no ponto de vista pessoal para a reafirmação de princípios, de valores e de perspectivas para a vida.

## **Referências**

- ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979.  
ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Paulinas, 1982.  
ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte: a teologia e sua fala**. São Paulo: Paulinas, 1982.

- ARNS, Paulo Evaristo & WRIGHT, Jaime (orgs). **Brasil nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ASETT – Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (Org.). **Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação**. Goiás: Rede, 2003.
- ASETT. **Pluralismo e libertação: por uma Teologia Latino-Americana pluralista a partir da fé cristã**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ASETT. **Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- ASETT. **Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- ASETT. **Por uma Teologia Planetária**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BARROS, Marcelo. **Nossos pais nos contaram**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BOFF, Clodovis. **Teologia e prática: a teologia do político e suas mediações**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, Clodovis. **Teologia pé no chão**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BOFF, Clodovis. **Como trabalhar com o povo**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- COMBLIN, José. **O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a história**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- DIAS, Zwinglio. **Discussão sobre a Igreja**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Tempo e Presença, 1975.
- GALEANO, Eduardo. **Veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e reflexão cristãs**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GOMES DE SOUZA, Luis Alberto. **Classes populares e Igreja nos caminhos da história**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- GUTIERREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- LIBANIO, João Batista. **A formação da consciência crítica**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Ideologia alemã**. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MESTERS, Carlos. **Paraíso terrestre: saudade ou esperança?** Petrópolis: Vozes, 1971.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.
- RAMALHO, Jether Pereira. **Prática educativa e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Um encontro de ecumenismo, solidariedade e esperança: 7º Intereclesial de CEBs". **REB. Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 195, p. 578-585, 1989. [também publicado na revista Tempo e Presença].
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira.; CUNHA, Magali; SALLES, Paulo (orgs.). **O sonho ecumênico: prefácio ao novo milênio**. Rio de Janeiro: Koinonia, 1995.

- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Religião, democracia e direitos humanos: presença pública inter-religiosa no fortalecimento da democracia e na defesa dos direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Reflexão, 2016.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. “O princípio pluralista: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação”. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 25, p. 234-254, 2017.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. “O princípio pluralista”. **Cadernos de Teologia Pública – IHU**, São Leopoldo, v. 14, n. 128, 2017.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **O princípio pluralista**. São Paulo: Loyola, 2020.
- RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro. **Religião e dominação de classe**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- RICHARD, Pablo. **A igreja latino-americana entre o temor e a esperança apontamentos teológicos para a década de 1980**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- SANTA ANA, Julio de. **Pelas trilhas do mundo a caminho do Reino**. São Bernardo do Campo: Editeo, 1985.
- SANTA ANA, Julio de. **Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SCHWANTES, Milton. **Projetos de esperança: meditações sobre Gênesis 1-11**. Petrópolis: Vozes/Cedi, 1989.
- SHAULL, Richard. **De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação**. São Paulo: Ed. Sagarana/CEDI, 1985.
- SOBRINO, Jon. **Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia**. São Paulo: Loyola, 1982.
- TAMEZ, Elsa. **A Bíblia dos oprimidos: a opressão da teologia bíblica**. São Paulo: Paulinas, 1980.